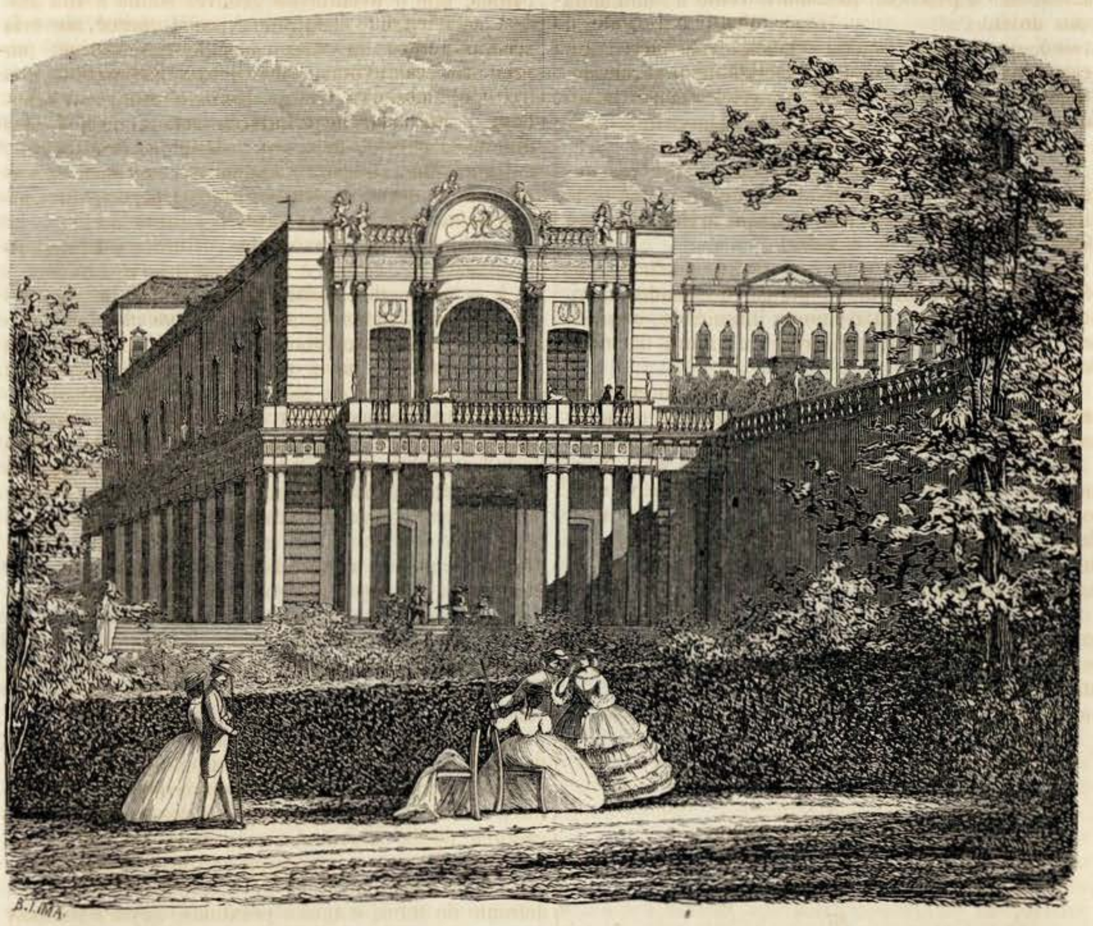
PALACIO DE QUELUZ



Pavilhão onde falleceu S. M. I. o Sr. D. Pedro IV, e se conserva a cama em que expirou

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

ARRABALDES DE LISBOA

(Vid. pag. 185)

QUELUZ, O PALACIO E QUINTA REAL

Está sentado o logar de Queluz em sitio baixo, e cercado de pouco elevados oiteiros. Compõe-se de uns 221 fogos, com 660 habitantes, e uma egreja parochial da invocação de Nossa Senhora da Misericordia. Pertence ao concelho de Bellas.

Até ao meiado do seculo XVII era uma pequena e mui pobre aldeia, onde os marquezes de Castello Rodrigo tinham uma quinta com boa casa de residencia, que vindo a transformar-se em paço real deu causa a engrandecer-se a povoação.

Quando os portuguezes sacudiram o ominoso jugo de Castella, no 1.º de dezembro de 1640, o segundo marquez de Castello Rodrigo, D. Manuel de Moura Corte-Real, bandeou-se com os inimigos da patria, e ausentou-se para Madrid. Foram logo confiscados todos os seus bens para a coroa de Portugal, e em 1654 foram doados por el-rei D. João IV, juntamente com os de outros fidalgos, tambem sequestrados por seguirem o partido castelhano, á casa do Infantado, instituida pelo dito soberano por alvará de 11 de agosto d'aquelle anno em favor do filho segundo dos nossos reis, a fim de estabelecer e firmar uma segunda linha de successão.

O primeiro possuidor d'esta grande casa, ao diante muito augmentada em rendimentos, honras e privilegios, foi o infante D. Pedro, que, sendo terceiro filho varão del-rei D. João IV, achou-se de improviso immediato successor da coroa pela prematura morte de seu irmão mais velho o principe D. Theodosio, fallecido aos 17 annos de edade em 1654.

Principiou o infante D. Pedro a frequentar o seu palacio e quinta de Queluz assim que seu irmão, o desditoso rei D. Affonso VI, se apossou, já de maior-edade, do governo do reino, desconcertando os planos jesuiticos que pretendiam fazer passar a coroa da sua cabeça para a do infante D. Pedro [1]. Aquellas visitas a Queluz amiudaram-se, e não eram estranhas á politica, porque alli se podia fallar e conspirar sem receio dos espiões do conde de Castello Melhor.

Mais tarde, pretextando o infante aggravos recebidos del-rei e do seu ministro, saiu da corte, e foi ha-

[1] D. Affonso tirou o governo das mãos da rainha D. Luiza, sua mãe, regente do reino, nas vesperas de uma projectada convocação dos tres estados, em que havia de ser proposta a deposição do joven monarcha, e a exaltação de seu irmão ao throno. A incapacidade de rei, e os perigos da situação, eram os pretextos com que os jesuitas tinham abalado o animo da regente, e com que esperavam conseguir das cortes resolução favoravel. Porém o alvo da conjuração era menos o pobre monarcha do que um seu valido, o conde de Castello Melhor, de quem os jesuitas e a corte temiam a influencia.

bitar no paço de Queluz. D'essa vez ahi se urdiu o trama que, ao cabo de longos e vergonhosos episodios, tirou a D. Affonso VI o sceptro, a esposa e a liberdade.

Poucas modificações teve a antiga propriedade dos marquezes de Castello Rodrigo durante a administração de D. Pedro, quer como infante e regente do reino, quer depois de rei. Por sua morte succedeu na casa do Infantado seu filho, o infante D. Francisco. Este principe gostava tanto da sua quinta de Queluz, que ahi costumava ir passar todos os verões.

Os moradores do logar visinho é que não se applaudiam com estas visitas, pois que ordinariamente ficavam assignaladas com alguma grande travessura do infante, travessuras que tocavam muitas vezes nos limites da crueldade, e que foram tantas e taes em todo o curso da sua vida, que por sua morte se espalhou e enraizou no animo do povo dos logares circunvisinhos a crença de que a alma do infante, em castigo de seus peccados, vagueava todas as noites dentro e em torno da quinta de Queluz. Ainda não ha muitos annos morava n'aquelle logar um octagenario, que affirmava com muita ingenuidade que a alma do dito principe por alli andára penando até 1842, anno em que se completára um seculo depois do seu fallecimento.

Alguns melhoramentos teve esta residencia nos 35 annos que a possuiu o infante D. Francisco, principiando-se em seu tempo a augmentar o palacio. Como não tivesse casado, posto que lhe ficou um filho bastardo, que reconheceu, chamado o sr. D. João da Bemposta, quando morreu começou litigio sobre a successão da casa do infante entre os infantes D. Antonio, filho del-rei D. Pedro II, e o infante D. Pedro, seu sobrinho, filho del-rei D. João V. Os tribunaes decidiram o pleito em favor do ultimo, que veiu a ter logar entre os nossos reis com o nome de D. Pedro III, pelo seu casamento com a rainha D. Maria I.

Resolvendo-se pois este principe a fazer da quinta de Queluz o Versalhes de Portugal, tratou de a augmentar com a acquisição que fez de outras propriedades confinantes, e encarregou do risco e execução do novo palacio, da planta e ornatos dos jardins e quintas, ao architecto Mattheus Vicente de Oliveira, e a João Baptista Robillon, architecto e esculptor francez.

Começaram os trabalhos poucos mezes antes do fatal terremoto de 1755, e progrediram com mais ou menos actividade até á morte de D. Pedro III, acontecida em 1786. Pararam então; mas d'ahi a oito annos a rainha D. Maria I fez edificar um novo corpo do palacio, onde habitou na sua viuvez. Comtudo, não foi bastante este longo periodo para se concluir esta sumptuosa residencia, nem foram sufficientes para as obras acabadas os immensos rendimentos annuaes da casa do infantado, pois que por ordem da rainha D. Maria I forneceu o thesouro publico avultados subsidios.

Aos jardins e parque deu-se a ultima mão, porém o palacio ficou incompleto. [1]

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] No proseguimento d'este artigo daremos a descripção da parte do palacio de Queluz que representa a gravura da pag. antecedente.

A VISÃO DO PRECIPICIO

(Vid. pag. 228)

III

LOUCURA!

Se o leitor permitte, deixemos José Augusto, Williams, e os lagareiros entregues á profunda impressão que n'elles produziu a historia contada pelo egregio moedor, e, transpondo heroicamente o temivel pinhal do Açude, atravessando perfeitamente incólumes a tempestade, cheguemos a uma casa de boa apparencia situada junto de uma quinta; e, depois de ter visto luz nas janellas da sala, batamos á porta, subamos, e entremos.

A sala em que o introduzi, amigo leitor, deve fazer-me perdoar o mau agasalho que lhe dei nos primeiros capitulos d'este romancinho; é uma quadra mobilada não tanto com luxo como elegancia; bem agasalhada, bem forrada, bem atapetada, com um fogão em que arde um bom lume, luxo raro em Portugal, onde todos atravessam o inverno com a serena confiança de quem habita o paiz do sol, ainda que ás vezes a temperatura seja capaz de curar um siberiano que, habitando em Portugal, estivesse padecendo de nostalgia.

Á roda da mesa, e fazendo frente cada um dos convivas a uma chavena de chá, flanqueada de bolos e de fatias torradas, está uma sociedade pouco numerosa, mas animada e alegre. A dona da casa, que, com o bule ao pé de si, parecia ter seguido a moda ingleza, conversava e ria alegremente com um sujeito de mais de quarenta annos, homem nutrido, de olhos vivos e penetrantes, suissa á ingleza, e um sorriso de bom humor, ainda que ás vezés um pouco ironico, estereotypado ao canto dos labios finos e descórados.

— Doutor, as suas theorias não me convencem; dizia a dona da casa, rindo ás gargalhadas, e dando um geito gracioso á boca, que parecia, ao entreabrir-se gentilmente, um botão de rosa encantado, que ao desabrochar mostrasse perolas na corolla. Querer-me convencer a mim, viuva de vinte e sete annos, que a viuvez é o estado normal das senhorás, e que uma senhora, que casa segunda vez, prejudica a sociedade! D'esta vez, meu caro senhor, aventurou-se muito na carreira dos paradoxos. Se meu primo aqui estivesse, tinha de defender a sua theoria á lança e á espada, a pé e a cavallo, como qualquer mantenedor de um torneio de outras eras.

— Ah! esteja v. exc. descançada, senhora viscondessa, respondia rindo o doutor, que não teria de comprometter assim a minha gravidade scientifica; seu primo não tem a minima vocação para paladino, e não ha perigo que venha bater com o couto ou com o ferro da lança no escudo pendurado á porta da minha tenda de guerra: seu primo tem habitos pacificos, e póde vir a ser administrador do concelho ou vereador da camara, com honra sua e gloria da patria; mas não cairia nunca na tolice de se fazer D. Quixote na era dos Sanchos Panças, elle que seria um Sancho Pança na era dos D. Quixotes! Parece-me que começa a franzir o sobr'olho, senhora viscondessa. Oh! v. exc. ha-de-me desculpar; deixe que eu faça como o celebre cardeal, que, no momento da eleição de um papa, foi segredar uma grande descompostura, que elle chamou a ultima verdade, ao ouvido do novo vigario de Christo, e que logo depois se lhe foi curvar aos pés, e queimar no seu thuribulo de cortezão o incenso da lisonja. V. exc. creio que percebe a moralidade do apologo.

— Percebo perfeitamente, senhor epigrammatista: e para o desconcertar estive agora para proclamar meu primo officialmente meu noivo, a fim de ter o gostinho de ver o senhor doutor Vidigal queimar no seu thuribulo de cortezão o incenso da lisonja. Sirvo-me das suas frases, senhor doutor.

— A custo as reconheci, respondeu o doutor inclinando-se, depois de terem passado pelos labios de v. exc. Tinha dito duas banalidades, e v. exc., como a princeza de um conto de fadas, transformou-as em duas perolas.

— Esses galanteios aprendem-se na Universidade, senhor doutor? — perguntou sorrindo a viscondessa.

— Não, minha senhora; inspiram-n'os os seus olhos.

— Já vejo que fiz realmente um milagre, tornou a elegante senhora; se não transformei palavras em perolas, pelo menos transformei em poeta um medico.

— Se v. exc. é capaz de operar a mesma transformação em seu primo, então é que eu me curvo devéras perante a sua superioridade.

— Não seja má lingua, doutor; se não fosse a sua gravidade, dizia que tinha ciumes.

— Diga, diga, minha senhora; precisamente ciumes não, mas tenho tanto pezar como se visse uma fada apaixonada por um regedor, ou uma sylphide poisando nas faces de um guarda-barreira.

— A proposito de fadas e de sylphides, tornou a viscondessa sem levantar o epigramma, e de coisas sobrenaturaes, hoje é noite de vendaval, e por conseguinte noite de beneficio no pinhal do Açude; a estas horas devem formar grupo junto á cruz do precipicio os tres phantasmas da lenda. Qual dos senhores quer assistir á recita? Doutor, aproveite o seu accesso de poesia para tentar a excursão, ande.

— Não, minha senhora, não trouxe casaco de gutta-percha nem galochas de borracha; posso-me constipar, e v. exc. sabe perfeitamente que os espirros de um mundano quebram o encanto, e, se a gente se assoa com estrondo, leva em castigo muitos beliscões dos espectros despiedosos. Mas prometto a v. exc. em compensação, ler todos os volumes de Anna Radcliffe á luz de uma véla mettida n'um craneo humano.

— Faz-me mal aos nervos com o seu scepticismo, doutor; os auctores dramaticos e os romancistas fizeram na faculdade um tal recrutamento de scepticos, que penso que é agora obrigado todo o discipulo de Esculapio que quizer receber a sua carta, a fazer voto de scepticismo, tudo para não desmentir os taes senhores da litteratura. Que diz a isto, padre prior?

— Não digo nada, respondeu o interpellado, bom homem devéras, amador da pinga, operario das vinhas do senhor (metaphora muito da sua predilecção), o qual estava escorropichando melancolicamente uma chavena de chá, bebida que lhe era antipathica, e comendo um bolinho, gulodice que não enchia o estomago, opinião que elle tinha em commum (sem o saber) com o Porthos de Alexandre Dumas: não digo nada, minha senhora, o senhor doutor é brincalhão, gosta de rir, e eu não lhe fico atraz; mas lá em coisas d'estas confesso que não entro muito; e, em quanto a passar pelo pinhal do Açude, direi sinceramente, que antes queria dizer trinta missas debaixo de agua, do que estar a estas horas n'aquellas proximidades.

— Já vê v. exc., sra. viscondessa, observou o doutor, que se o nosso reverendo se não atreve com os phantasmas da lenda, ainda que elle tenha á sua disposição todos os exorcismos da egreja, ainda menos o farei eu, pobre peccador, que apenas posso afugentar os espectros com os nomes barbaros da sciencia.

— Olhe, esses, doutor, se não fazem fugir os mortos, pelo menos fazem fugir os vivos, respondeu rindo a viscondessa.

N'este momento abriu-se a porta da sala, e uma criada assomou ao limiar.

— Minha senhora, disse ella dirigindo-se á dona da casa, estão alli dois sujeitos de Lisboa que se perderam no caminho, e vem pedir um refugio contra a tempestade.

— Manda-os entrar depressa, Joanna, disse a viscondessa; n'estes sitios, e principalmente em noites d'estas, a hospitalidade é mais do que um favor, é um dever. A proposito, accrescentou ella quando a criada já ia a fechar a porta, são pessoas finas?

— Sim, minha senhora, são dois sujeitos muito bem vestidos, montados em muito bons cavallos; um d'elles principalmente é muito bonito rapaz, apesar de ser tão pallido, tão pallido, que parece um espectro.

— N'esse caso manda-os entrar para aqui. Que lhe parece, doutor? — perguntou a viscondessa quando a criada se foi embora; se nós tivessemos a honra de receber pessoalmente o espectro de Raymundo Paes, que distincção para esta casa!

— Credo, minha sobrinha, interrompeu uma senhora velha, que ainda não tinha fallado, porque estivera entretida, enterrada na sua cadeira de espaldar, a comer trouxas de ovos e a resmungar orações; não falles assim brincando de coisas que fazem horror.

A porta abriu-se, e José Augusto appareceu acompanhado pelo seu fiel Pylades britannico, o senhor John Williams. A comparação de José Augusto com Orestes é, n'este caso, de uma perfeita verosimilhança, porque duvido que o celebre grego podesse apresentar uma physionomia mais transtornada, que a que José Augusto apresentava n'este momento. Pallido de uma pallidez cadaverica, os olhos negros fulgiam sinistramente, e pareciam, dilatados por uma exaltação notavel, de uma grandeza desmesurada. Apenas entrou, percorreu todos os circunstantes com um olhar desvairado, e, quando esse olhar se fitou na viscondessa, José Augusto deu um grito, correu para ella, e ajoelhando aos seus pés com grande espanto de todos, bradou com um tom de voz meigo e melancolico, mas em que vibrava uma exaltação desusada:

— Aqui me tens, Branca. Oh! não desvies de mim esses teus olhos de saphyra, se não me queres vêr precipitado pela segunda vez nos tormentos infernaes. Fui um ingrato, fiz-te chorar, meu anjo: perdoas-me, sim? Olha, o orvalho das lagrimas tornou mais nacaradas as rosas das tuas faces. Não ouves como o vendaval sopra rijamente nas arvores da floresta? Não tenhas medo, nós estamos no sepulchro. Aqui ha a paz eterna; o rugido da tempestade é o hymno dos mortos! Nós morremos ha muito tempo, e o nosso noivado vae ter finalmente logar no cruzeiro do cemiterio. Tens medo do piar do mocho no cypreste erguido? Não te assustes; é o menestrel da boda! Louquinha, envolve-me n'uma prega da tua mortalha, e vamos assistir ás danças das larvas ao luar. E depois a paz das campas! E depois o amor dos mortos, immenso, ethereo, indissoluvel! O amor na terra é uma ficção de poetas; o amor ideal poisa sómente nos goivos da sepultura! Como és formosa, Branca! Como eu fui ingrato! Perdoas-me?

Tudo isto fôra dito com uma volubilidade extrema; a viscondessa não sabia que attitude devia tomar, e olhava espantada ora para o doutor, ora para o rosto realmente interessante do supposto Raymundo, que parecia ter acudido á sua invocação, ora para o senhor John Williams, que se contentava com encolher os hombros. O doutor tinha encaixado a luneta, e observava tranquillamente aquella scena. O padre prior apromptava-se para exorcismar o phantasma, e na sua perturbação parecia querer transformar em hyssope uma inoffensiva cavaca que ensopava continuamente em chá preto. A tia velha persignava-se, benzia-se, rezava credos, e tirava da algibeira um rosario abençoado pelo papa, e um cartuxo de rebuçados de ovos, que, segundo parece, tinham tambem alguma virtude antidiabolica.

— Mas que quer dizer isto? — perguntou finalmente a viscondessa, voltando-se para John Williams, quem é este seu amigo?

— É um bello rapaz, *a pretty fellow*, respondeu o interpellado; chama-se José Augusto de Albuquerque; ainda agora aqui n'um lugar proximo contaram uma historia, *a tale;* em portuguez diz-se conto ou historia? Em fim um conto de almas do outro mundo, de *revenants*, creio que é assim que se diz em francez; isto exaltou-o por tal fórma, que, quando passámos por junto de um crucifixo situado n'um pinhal... diz-se

pinhal ou pinheiral? fez-lhe tal impressão a tempestade, o sitio e a historia que tinha ouvido, que começou a querer-me convencer que via perfeitamente esses taes phantasmas, e a pouco e pouco augmentou-lhe de tanto a febre, *fièvre*, que chegou ao delirio e entrou no estado de loucura, *folie*. Isto deu-me tal cuidado que me perdi no caminho, e me vi obrigado a pedir hospitalidade a v. exc.

— Coitado! pobre rapaz! é este o perigo das imaginações exaltadas, tornou a viscondessa: doutor, veja o que ha a fazer.

O doutor approximou-se de José Augusto, o qual, sem escutar nada do que se dizia em torno d'elle, de joelhos diante da viscondessa, de braços estendidos para ella, como querendo segurar uma visão que se esvaía n'um sonho, parecia enlevado n'um extase sobrenatural.

O doutor quiz-lhe tomar o pulso, mas elle, recuando espantado, e repellindo-o com a voz, com o gèsto e com o olhar.

— Deixa-me, filha de Satanaz, bradou elle, não me tentes segunda vez! Ó demonio prestigioso, as azas brancas do anjo da minha infancia poisam agora sobre mim, e inundam de luz celestial as trévas em que me precipitaste! Foge, foge, enviada sinistra do archanjo das trévas.

— Permitta-me que lhe diga, que apesar de lisongeiro, não posso acceitar o engano, respondeu cortezmente o doutor; sou formado em medicina pela universidade de Coimbra, e não tenho a honra de conhecer pessoalmente o senhor Satanaz de quem me considera enviado. Se me dá licença que lhe tome o pulso, prometto precipital-o apenas nas trévas de um leito com cortinados. Ora vamos, seja razoavel! Parece-me que eu não cheiro a enxofre.

— Olha, tornou José Augusto sem o escutar, e mostrando-lhe a viscondessa, não vês como ella é formosa! Que magestade de rainha n'aquella fronte altiva! E aquellas tranças loiras que bem lhe enquadram a physionomia, moldura de oiro n'um quadro divinal! E nos olhos que vago reflexo do infinito! Vê como a luz do ideal fulgura serena n'aquelle azul tão limpido, similhando a lua a illuminar tranquilla a cupula do firmamento! Admira na transparencia da pelle assetinada a alvura deslumbrante dos archanjos luminosos! E queres que eu a abandone? Oh! nunca, nunca.

— Não sabia que no outro mundo havia retratistas tão fieis, senhora viscondessa; ahi tem v. exc. um additamento á lenda; Raymundo Paes era poeta da eschola romantica, observou o doutor.

— Ó Branca, ó Branca adorada, tornou José Augusto, agarrando a mão da viscondessa, apesar dos esforços que ella fez para a retirar; oh! dize-me que ainda me tens amor, dize-me que me perdoaste; sem o teu perdão, que importa o perdão de Deus! Oh! vejo o empyreo no teu olhar, vejo o paraiso no teu affecto; tira com uma palavra das mãos do archanjo terrivel o gladio chammeante que me repelle. Amas-me? Amas-me, Branca?

E, n'um delirio crescente, José Augusto poisou os labios férvidos na linda mão da viscondessa.

Ella córou, retirou a mão, e replicou balbuciando:

— Senhor Albuquerque, por amor de Deus volte a si.

— Amas-me, Branca? Tornava José Augusto sem a ouvir.

— Diga-lhe que sim, e mande-o deitar, interrompeu o doutor impacientado, é o unico remedio.

— Doutor, não sei que me parece...

— Eu darei explicações ao primo, digo-lhe que se sacrificou á humanidade; elle não percebe, e desculpa tudo; mas agora diga ao senhor Raymundo Paes que v. exc., espectro de D. Branca, vulgò viscondessa de S. Christovão, acabou de tomar chá e vae retirar-se para a loisa do seu quarto; e elle, se quizer, que tome chá tambem, e que se vá andando para o cyprestal que a Joanna provavelmente já preparou. Isto é um theatro particular; faça o papel de D. Branca. Sacrifique-se, viscondessa.

— Com effeito, doutor, parece-me que tem razão, respondeu a elegante senhora; depois, voltando-se para José Augusto, disse-lhe, dando á voz uma indizivel melodia de graça e de amor:

— Amo-o e perdôo-lhe. Quer agora obedecer-me, meu gentil cavalleiro?

— Obedecer-te em tudo, anjo da minha alma; não sou eu o teu escravo? não sabes que te adoro de joelhos? Que exiges de mim, anjo de candura? ordena e serás obedecida, mais do que uma rainha, mais do que Deus.

A tia velha persignou-se, o doutor tossiu, o padre prior comeu o hyssope, quero dizer, a cavaca, John Williams exclamou: Deus, *Dieu*, *God!*; a viscondessa sorriu-se:

— Peço-lhe que se retire, disse ella suavemente, vá repoisar alguns instantes, e ámanhã ouvil-o-hei durante o tempo que quizer, sim?

— Que não farei eu por ti, Branca? Adeus, adeus, déste-me a felicidade dos ceos. Deus t'o pague, anjo.

E allucinado pegou-lhe outra vez na mão, e imprimiu-lhe um longo beijo.

— Devo consentir, doutor? — perguntou ella maliciosamente.

— Que remedio, senhora viscondessa, e mais ainda se elle quizer. O momento é excepcional.

— Olhe que me compromette, doutor.

— O primo absolve tudo: *Salus populi suprema lex*. Este latim é para a auxiliar, viscondessa, é para ver se faço fugir o sympathico espectro de Raymundo Paes.

José Augusto tinha-se levantado, e tinha recuado, sempre com os olhos fitos na viscondessa; olhou depois para todos os lados com um olhar vago e sem expressão; depois, levando a mão á testa e apertando-a, murmurou:

— Oh! como eu soffro! que circulo de ferro me aperta a cabeça! Tenho um turbilhão de fogo a escaldar-me o cerebro! São as chammas do inferno! São os soffrimentos dos precitos! Oh! levem-me d'aqui! Ar! ar! para os meus pulmões abrasados! Salva-me, Branca!

— Pobre rapaz, e é uma verdadeira criança! vinte annos quando muito! Que olhos tão negros que elle tem! Pobre rapaz!

— Aproveitemos a occasião, bradou o doutor dirigindo-se a John Williams, levemol-o para o quarto.

E travando ambos dos braços de José Augusto dirigiram-se com elle para a porta da sala. O moço enthusiasta deixou-se levar, como se não tivesse consciencia do que se passava.

D'ahi a instantes appareceram o doutor e John Williams á porta da sala.

— Então, doutor, perguntou a viscondessa assim que o viu entrar, como vae o doente?

— Soffrivelmente, minha senhora, respondeu o doutor sentando-se á mesa e limpando o suor que lhe escorria da testa, apesar do frio; mas juro-lhe que me deu um trabalho diabolico; agora ministrei-lhe um calmante a muito custo, e elle em fim lá ficou mais socegado. Que endiabrado rapaz! Dá-se por espectro, e tem força como vinte vivos; a pretexto de ser phantasma, vae beijando a mão das viscondessas bonitas que encontra no caminho, dá-me o papel de odalisca na farça que imagina, o que me comprometteria na faculdade, se se soubesse; e finalmente termina dando-me os mais valentes socos que uma odalisca viva ou morta tem recebido do sultão mais abrutado!

— Pobre doutor, tornou a viscondessa rindo, a

noite de hoje ha de lhe valer por muitos annos de purgatorio; ó padre prior, dê-lhe algumas indulgencias, ande.

— O senhor doutor, respondeu o padre dando uma sonora gargalhada, deve primeiro que tudo ser exorcismado, porque já o tomaram por Belzebuth.

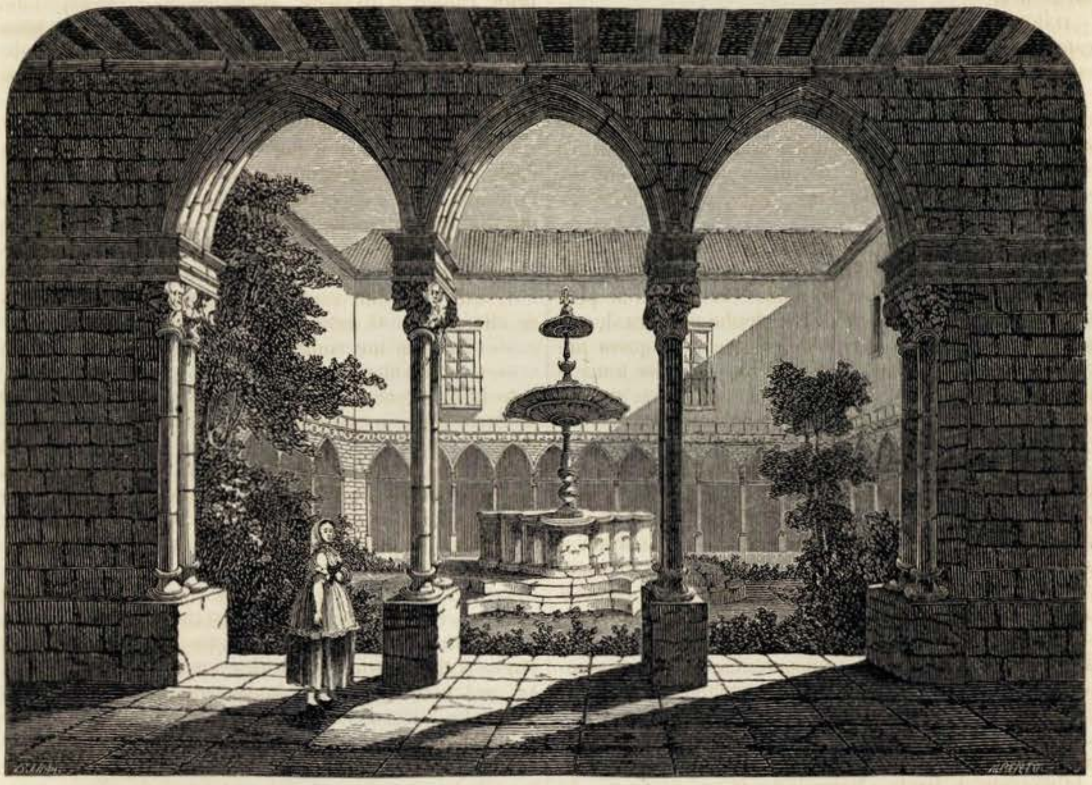
— Brinque, brinque, padre prior, tornou Vidigal olhando-o longamente; mas olhe que eu estive vendo quando, apesar da coroa e da sua respeitabilidade, o nosso endemoninhado lhe dava tambem uma patente de Zoraida, odalisca dos serralhos do inferno. Ó padre prior, apalpe-se bem; veja lá não tenha algum pé de cabra dentro da bota, ou algum ornato posterior, que faça parte dos attributos do senhor D. Belzebuth.

Todos se riram, excepto a tia velha, que essa continuava a persignar-se, a benzer-se, a resar credos, e a comer rebuçados de ovos.

— V. s., disse cortezmente a viscondessa, voltando-se para John Williams, ha de vir provavelmente cançado, e é realmente indesculpavel não ter eu dado ha mais tempo ordens para lhe aprontarem tudo quanto lhe for necessario. Mas a scena extraordinaria de que fomos testimunhas, impediu-me de pensar em qualquer outra coisa.

— Oh! minha senhora, muito obrigado, tornou o nosso amigo inglez.

— Creio que uma chavena de chá, com bolos e torradas, não será o que um viajante cançado ha de



Interior do claustro do mosteiro de Santo Thirso — Pag. 238

receber de melhor vontade. Eu lhe mando dar alguma coisa mais substancial.

Em quanto a viscondessa dava as ordens necessarias para John Williams ser servido, o doutor levantava-se juntamente com os outros convivas.

— Senhora viscondessa, disse elle, a tempestade vae serenando, e eu metto-me a caminho. Se o doente precisar de mim, a minha casa é a dois passos; n'um pulo estou ao pé d'elle. Não posso apresentar os meus respeitos ao senhor morgado?

— Meu irmão ha duas horas que dorme o somno dos justos; mas vejam não se molhem, meus senhores; esperem mais algum pedaço. Que é isso, padre prior, tambem se retira? Isso não consinto eu; é já tarde bastante, d'aqui ao presbyterio é um bom quarto de legoa, e a tempestade póde de repente recomeçar. Fique por cá.

— Agradeço e acceito, minha senhora, respondeu o padre prior, que ia talvez a dizer não; mas que perdeu o animo de proferir essa palavra ao assistir á entrada de uma frasqueira tentadora, que vinha para a ceia de John Williams.

Quando todos sairam, e ficaram apenas na sala o padre prior, Williams e a viscondessa (porque a tia velha tambem já se tinha retirado para o seu quarto), a dona da casa voltou-se para o padre prior, e disse-lhe sorrindo.

— Padre prior, se não tem muito somno, faça companhia a este senhor: eu vou-me deitar, porque estou a cair de cançaço. Faça este sacrificio, padre prior. Deus lh'o levará em conta.

— Obedeço, senhora viscondessa, respondeu o parocho lambendo os beiços e olhando amorosamente para as garrafas. A viscondessa retirou-se.

Ficaram frente a frente dois temiveis luctadores. Os feitos de armas que alli se praticaram, as proezas que tiveram logar, estão pedindo a voz de Homero, que a minha mal póde entoar essa Iliada das garrafas. A pouco e pouco, aprenderam a respeitar-se, consagraram um ao outro uma sincera estima, que redundou em prompta familiaridade. John Williams disse ao padre prior que garrafa em inglez era *bottle*, e em francez *bouteille*, quando se applicava ao vinho, e *carafe* quando servia para agua. O padre prior condemnou ao esquecimento esta ultima denominação.

D'ahi a pouco Williams perguntava ao parocho se em portuguez se dizia *bebado* ou *bebedo*, e o padre prior respondia que *Requiescat in pace* só se empregava nos officios de defunctos.

Depois da quarta garrafa Williams, empoleirado em cima de uma cadeira, cantava o *God save the Queen*, que o padre prior acompanhava batendo com a faca nas garrafas vasias.

D'ahi a um quarto de hora Williams caía para debaixo da mesa, e o padre prior, *vencedor quasi vencido*, como diria Gabriel Pereira de Castro, encaminhava-se para o quarto, achava a cama ás apalpadellas, e enfiava-se pelos lençoes abaixo.

E depois só se ouviu o gemer lugubre do vento, agitando as arvores e batendo nas janellas, e dentro de casa o resonar estrepitoso de Williams e do padre prior, trombones formidaveis, que, fazendo um agradavel concerto com o clarinete da tia velha, justificaram plenamente o verso de *D. Jayme*

Té mesmo no dormir! a orchestra em tudo!

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

O MOSTEIRO DE SANTO THIRSO

I

O Minho é a mais bella provincia de Portugal, e é sem duvida formosa entre os mais formosos paizes do globo. Alli a natureza parece rir-se sempre, e sempre trajada de gala. Serras alcantiladas; penedos musgosos; prados de perenne verdura; arvores seculares e gigantescas; bosques frondosissimos; mil fontes de purissimas aguas; rios caudalosos, de margens vecejantes, e variadas; todas estas bellezas naturaes, harmonisando em formosura, ou contrasteando para maior realce do quadro, compoem por toda a provincia variadissimos paineis, qual mais bello e magestoso nos grandes traços, qual mais mimoso e loução no colorido, e mais cheio de vida e de graça.

A situação do mosteiro de Santo Thirso é uma das mais encantadoras e pittorescas paizagens da provincia do Minho.

A estrada, que da cidade do Porto conduz para Santo Thirso, é já de per si um passeio delicioso. Nas primeiras tres leguas, fabricada em 1845 e 1846, que é a parte da nova estrada nossa conhecida, é tão espaçosa e alindada, guarnecem-a tantas arvores, e corre por entre campos tão bem cultivados e viçosos, que facilmente se tomará pela rua de uma quinta de regalo. Actualmente trabalha-se no acabamento d'esta importante via, que já se acha concluida até Santo Thirso, e com bastante adiantamento d'aqui em direcção ás Caldas de Vizella. Porém do ponto em que a revolução de 1846 deixou paradas as obras d'esta famosa estrada, segue para Santo Thirso um caminho em torcicolos, estreito e escabroso, e que em muitas partes, servindo de leito a copiosas levadas, mais parece um rio que uma estrada. Mas ainda assim o viajante se julga compensado dos incommodos da viação, pelas pompas com que a natureza vae adornando esse rustico e agreste caminho. Tolda-o quasi todo um manto de matizada verdura. Aqui abraçam-se as arvores, que o orlam, formando-lhe abobada de verdores. Alli trepam e enlaçam-se as videiras nos carvalhos e castanheiros, para logo cairem em vistosos festões, ou em formosas grinaldas se prenderam nas arvores fronteiras. Mais além passa o caminho por baixo de longos parreiraes, como os que vemos nas quintas, deixando hortas a um lado, e campos de milho a outro. Aqui encontra-se uma presa de agua cristalina, onde se espelham as floridas sebes que servem de muro á estrada. Alli vê-se um arroio, serpeando mansamente sobre alcatifa de relva, ou saltando com doce murmurio sobre seixinhos multicores. Agora é uma fonte humilde, que de um combro verdejante entorna aljofres sobre as florinhas do prado. Logo é uma levada arrogante, que susurra em seu curso apressado, sangue e vida d'aquelles campos de esmeraldas. Não devêramos fallar d'este caminho, havendo uma nova estada que o substituiu. Todavia por tal modo nos encantou, quando por elle passámos, que não podémos resistir á tentação de o descrevermos aqui. É uma reliquia de antigos tempos, e de uma civilisação que caducou. É como uma d'essas antigualhas, que ainda restam das eras remotas, e que apreciâmos e guardâmos, não pelas commodidades que nos offerecem, mas pelas bellezas com que nos enlevam.

Depois entra-se na villa de Santo Thirso, que está sentada em logar um pouco elevado, mas cercada de arvoredo tão compacto que lhe rouba todas as vistas de entorno. A estrada, depois de atravessar a povoação pelo meio, desce logo para a margem direita do rio Ave, onde uma ponte de madeira a communica com a margem opposta. Ao descer para o rio transforma-se n'uma copada alameda, deixando á direita, nas faldas d'esse pequeno outeiro, o antiquissimo convento de Santo Thirso.

A ponte é grandiosa e bem construida. Larga, e mui alta, tem por começo e fim dois porticos tambem de madeira, com seus ornatos architectonicos. Como sentinellas de honra levantam-se á entrada e saida cyprestes colossaes.

Goza-se no centro d'esta ponte de uma perspectiva maravilhosa. O que os olhos d'alli relanceiam, para qualquer lado que se voltem, parece na vegetação um quadro dos tropicos, nas aguas um painel da Suissa, no conjunto de amenidade e bellezas uma vista das mais selectas da Italia; e na pureza do ceo é Portugal, que a nenhum outro paiz inveja este dote.

Se os olhos do viajante se alongam rio acima, vê frondosos bosques de carvalhos e castanheiros descendo pelas encostas de pouco elevadas montanhas até ao rio, e deixando-lhe calvas as cumidas, que, tendo por coroas rochedos descommunaes, projectam-se contra o roxo-azul de longinquas serras. Vê o Ave, que alternadamente se mostra e se esconde em mil voltas, e mil fórmas. Umas vezes brinca com a ramagem dos salgueiros, que ora o beijam, ora lhe fogem; outras vezes como que arrufado com a margem verdejante, afasta-se d'ella interpondo as suas alvissimas areias.

Se o expectador se volta para o lado opposto, tem diante de si outro panorama mais bello, mais pittoresco e variado. Na margem esquerda alternam-se os prados com as florestas. Na direita avultam os ponteagudos campanarios, e os compridos dormitorios do mosteiro, erguendo-se garbosamente do meio das arvores e parreiraes da cerca.

A seus pés tem o Ave, porém já com differente aspecto. Aqui fórma vistosa cataracta, saltando por cima de alto degrau de rocha, que lhe toma todo o alveo n'um semicirculo. É um bello expectaculo ver como elle debruça sobre o unido rochedo, de um metro de altura, o assetinado volume de suas limpidas aguas. Depois, já repoisado da queda, divaga mansamente em mais amplo leito, retratando na lisa e transparente superficie o mosteiro, a ponte, e os bosques das suas margens. E um pouco além agita-se e sobresalta-se ao receber em seu seio uma grossa levada, que, depois de fazer trabalhar uma azenha do mosteiro, se precipita da cerca para o rio por entre fragas e troncos com estrondoso susurro.

Em fim, as florestas e o mosteiro, o rio e a ponte, a cascata e a azenha, tudo alli se acha collocado como

o pintor ou o poeta desejariam dispol-os no mais engenhoso quadro da imaginação.

O mosteiro de Santo Thirso deve aos godos a sua primeira fundação. Não archivou a historia a data em que se effeituou este successo. Consta porém de uma escriptura de doação que se guardava no seu cartorio, que no anno de 770 da era de Christo já existia, habitado por monges benedictinos.

Caber-lhe-hia a honra de ter por fundador S. Martinho, bispo de Dume, ou S. Fructuoso, arcebispo de Braga, como pertendem alguns escriptores? Se assim foi, gastou o tempo, ou cobriu de pó os documentos com que se auctorisaria esta opinião. Todavia póde conjecturar-se rasoavelmente, que a fundação do mosteiro é anterior á invasão dos arabes: pois não é crivel, que nos primeiros tempos de um dominio estranho, que procurava assentar e firmar o seu poder na perseguição e no terror, os christãos se lembrassem de realisar um acontecimento d'aquella ordem.

Combinando diversos juizos com as tradições populares, na falta de noticias positivas, será forçoso recorrer ás conjecturas.

Anniquillada nos campos de Guadelete a monarchia dos godos, no anno de 714, as hordas sarracenas arremeçaram-se sobre toda a Peninsula com o impeto das vagas que, enfurecidas pela tempestade, rompem os diques e alagam a terra, levando a destruição e a morte.

Impellidos os vencedores pelo espirito de conquista, pela ignorancia da epocha, e por aquella ferocidade que distinguia a raça africana, em quanto a suavidade do clima iberico lhe não adoçou os costumes, fundaram o imperio arabe na Peninsula sobre as ruinas das suas cidades, e sobre os cadaveres da maior parte dos seus filhos. Levados do odio do islamismo contra a fé christã, por toda a parte profanavam os altares, faziam pedaços as imagens, espalhavam pela terra as reliquias dos santos, apoderavam-se dos vasos sagrados, e derrubavam ou reduziam a cinzas os templos e casas de oração.

Poucos edificios religiosos escaparam á torrente devastadora: e esses salvaram-se convertendo-se em mesquitas, ou constituindo-se como um feudo onerado com grandes tributos. Parece que se não contou entre esses poucos o mosteiro de Santo Thirso; mas é provavel, que, passado algum tempo depois da sua destruição, o reedificassem os monges com consentimento dos moiros, mediante alguma contribuição.

Não gozaram os sarracenos por tempo algum da posse pacifica da sua conquista. D. Pelaio, que havia salvado as reliquias do exercito dos godos nas asperas serranias das Asturias, d'ahi deu começo áquelle duello de morte contra os oppressores do seu paiz, que só veiu a ter fim passados sete seculos, quando a cidade de Granada se rendeu ás armas christãs, depondo aos pés de Isabel de Castella e de Fernando de Aragão a coroa do ultimo rei moiro da Peninsula.

O principe D. Pelaio fundou no valle de Covadonga a monarchia das Asturias. Os seus successores, alargando-a á ponta da espada pelos reinos de Leão e de Oviedo, foram pouco a pouco disputando aos arabes as terras de Portugal.

N'esta lucta porfiosa tornou a ser destruido o mosteiro de Santo Thirso. D'esta vez, como se a Providencia quizesse impor á raça agarena uma expiação pelas devastações que exerceu n'este mosteiro, deveu este a sua restauração ao filho de uma moira.

Recordam-se os nossos leitores d'aquella lenda do *Castello de Gaia*, contada em versos tão lindos pelo nosso grande poeta Garrett? Lembram-se d'aquelles amores tão apaixonados do rei D. Ramiro II de Leão com Zahara, a *flor da belleza*, irmã do moiro Alboazar, alcaide ou regulo do castello de Gaia? Pois foi o filho d'esses amores illicitos, D. Alboazar Ramires, quem fez surgir das suas ruinas o mosteiro de Santo Thirso, pelos annos de 967, mais vasto e grandioso do que fôra antes.

Não se limitou D. Alboazar a reedifical-o com a magnificencia que os tempos permittiam. Dotou-o tambem generosamente com ricas alfaias, e rendosas quintas. E os seus descendentes, alguns dos quaes n'elle jazem, enriqueceram-n'o ainda mais com muitas doações importantes de terrenos e senhorios.

Logo em seguida a esta reedificação passou a ser mosteiro duplex, isto é, habitado por frades e freiras, que viviam inteiramente separados, só com a egreja commum. Não achâmos noticia de quando deixou de ser duplex: sabe-se porém, que o era no anno de 1220.

Tambem não consta os annos que durou o mosteiro de D. Alboazar. Entretanto, nos primeiros tempos da monarchia portugueza procedeu-se a uma grande reconstrucção, que, se não foi geral, abrangeu pelo menos a maior parte do edificio. Depois d'esta fizeram-se outras parciaes em diversas epochas, até que a ordem intentou e levou a cabo, nos seculos XVII e XVIII, uma reedificação tão completa, que apenas ficou o claustro da fabrica antiga.

II

A frontaria da egreja deita para um espaçoso largo, ornado no centro com um esbelto cruzeiro de marmore côr de rosa. O templo e a portaria occupam um dos lados da praça. O outro é guarnecido pelo edificio das hospedarias do mosteiro com a sua frente apalaçada. Pelo terceiro prolonga-se o muro, que sustenta a estrada. O quarto lado abre-se sobre esta, e serve de entrada, sendo adornado com uma fonte de pedra, onde avulta o brazão de armas dos filhos de S. Bento. Chorões, cyprestes, e outras arvores, orlam a estrada e o largo, e cobrem a fonte.

A egreja é grandiosa unicamente pelas suas vastas proporções, e solidez da construcção. Quanto á arte bastará dizer que foi reedificada desde os alicerces no seculo XVII, para se ajuizar da sua architectura desengraçada e pesada. Os aggravos e males da oppressão estrangeira, e as tristezas e desalento da nação n'essa quadra ominosa, retrataram-se bem ao vivo em todas as edificações d'essa epoca.

Jazem n'este templo muitas pessoas illustres pela nobreza do sangue, e por seus feitos gloriosos. Os seus nomes formariam longo catalogo. Nomearemos apenas dois: D. Sueiro Mendes da Maia, o Bom, descendente de D. Alboazar Ramires, o qual obrou singulares proezas na batalha de Campo de Ourique, e que falleceu no anno de 1176; e D. Martim Gil de Sousa, conde de Barcellos, alferes-mór del-rei D. Diniz, e mordomo-mór del-rei D. Affonso IV.

O claustro que se vê representado na gravura junta, é a parte mais antiga do edificio: e diremos até que afóra as sepulturas, é a unica, se nos não falha a memoria, que revela a remota origem do mosteiro.

Tem este claustro uns vinte e cinco metros de comprimento, e pouco mais de vinte e tres de largura. Os quatro lanços são abertos em arcos, sustentados por duplas columnas, em numero de 122, cujos capiteis mostram em grosseiro relevo cabeças de moiros, arpias, leões, silvados, arabescos e outros ornatos, de sorte que não se encontram dois eguaes. O centro do claustro é occupado por um jardim, a que faz singular adorno uma elegante fonte de pedra, toda coberta de engraçados relevos.

A fonte é obra do principio do seculo XVIII; e a galeria superior do claustro pertence á reedificação geral do mosteiro, começada no seculo XVII. Quanto á galeria inferior, difficilmente se poderá assignalar a epocha da sua fundação. Na falta absoluta de noti-

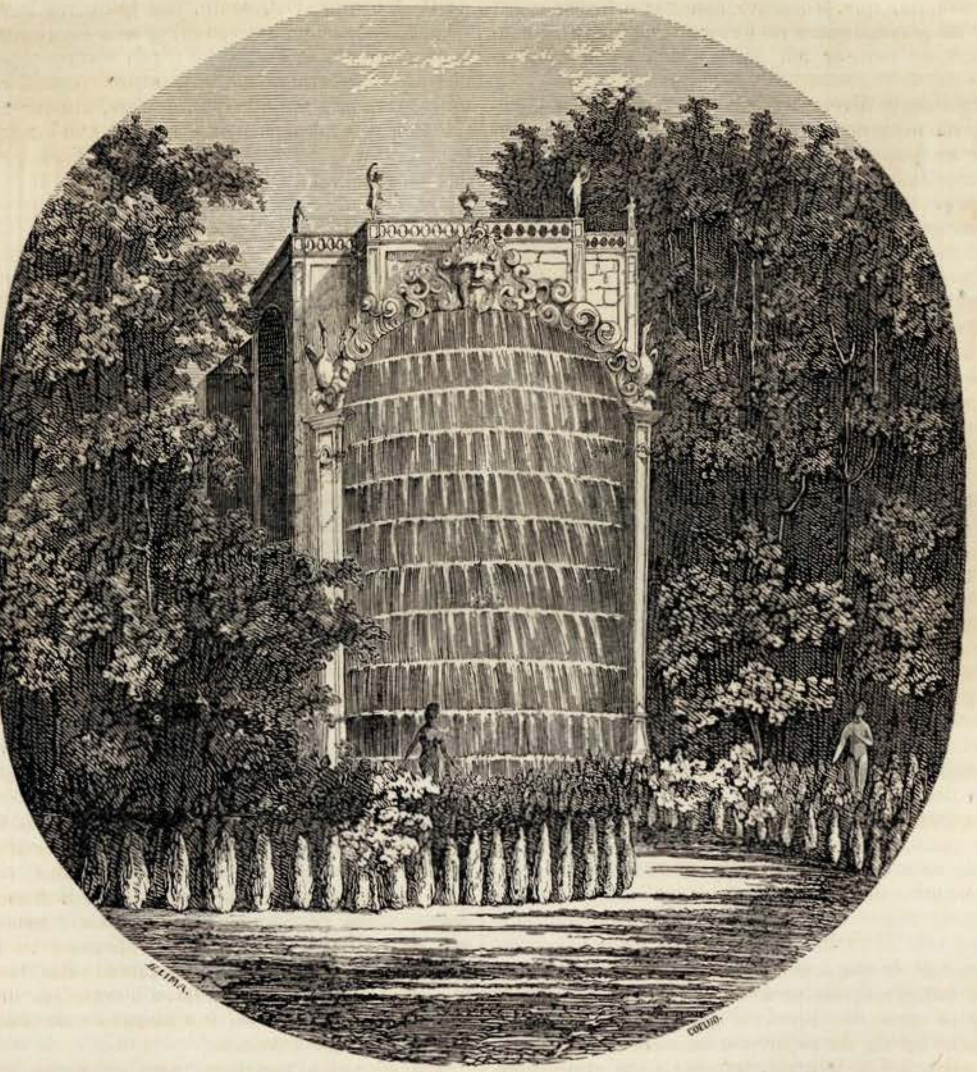
cias, e no meio das difficuldades quasi insuperaveis, que encontra a cada passo, quem pertende fazer um estudo consciencioso sobre a historia da architectura em o nosso paiz, será preciso adivinhal-a como se decifra um enigma. Todavia, comparando esta obra com outras do mesmo genero, que temos visto tambem na provincia do Minho, e que se attribuem com bom fundamento aos seculos XI e XII, parece-nos que esta parte do claustro de Santo Thirso é tudo quanto resta da terceira reedificação do mosteiro, isto é da que se fez reinando um dos nossos primeiros tres reis. É esta a parte mais antiga ao presente do monumento.

Acha-se este claustro em bom estado de conservação, principalmente a obra antiga.

Pela extincção das ordens religiosas em 1834, vendeu-se o mosteiro com a cerca contigua, exceptuando a egreja, na qual se conserva o culto divino, e o edificio que faz frente ao adro, que se destinou para as audiencias do juiz de direito, e administração do concelho.

Quando se andava reedificando a egreja, pelos annos de 1650, demolindo-se uma parede, achou-se um sepulchro romano de pedra ainda inteiro, e com as cinzas dentro. Tinha esculpidas as aguias imperiaes, e por baixo d'estas a seguinte inscripção: *L. Valerius Silvanus Miles Leg.* VI *Vixit Viriato;* que quer dizer: Aqui jaz Lucio Valerio Silvano, soldado da 6.ª legião, que venceu a Viriato. Como todos sabem, foi Viriato aquelle celebre capitão lusitano, que tão cara fez pagar aos romanos a posse da sua patria.

I. DE VILHENA BARBOSA.



Cascata do palacio de Queluz

A cascata, de que a nossa gravura é copia, levanta-se no fundo de uma rua magestosa em correspondencia com as duas estatuas equestres da Fama. Tem muita elevação esta cascata, e termina em um terrado, d'onde se desfructa aprazivel vista. Porém ainda mais aprazivel é a perspectiva que offerece a cascata, quando da grande carranca que avulta na parte mais alta d'ella, se desprende a agua, que em amplos lençóes se despenha de degrau em degrau até ao lago.

Em frente da cascata abre-se um largo simicircular orlado de arvores, e aformoseado com dois lagos, além do da cascata. Estes lagos são de uma construcção exquisita, e pouco engraçada. A gravura mostra um d'elles. Formam-lhe as margens macissos de buxo recortados em diversos feitios até muita profundidade, de maneira que a agua afóga os ultimos ramos em toda a circunferencia. De entre o macisso de verdura sáem varios repuchos, que se crusam uns com os outros, e todos com os do centro dos lagos, que sobem a maior altura. Fazem cercadura aos dois lagos muitas pyramides de buxo, similhando pequenos cyprestes.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.